

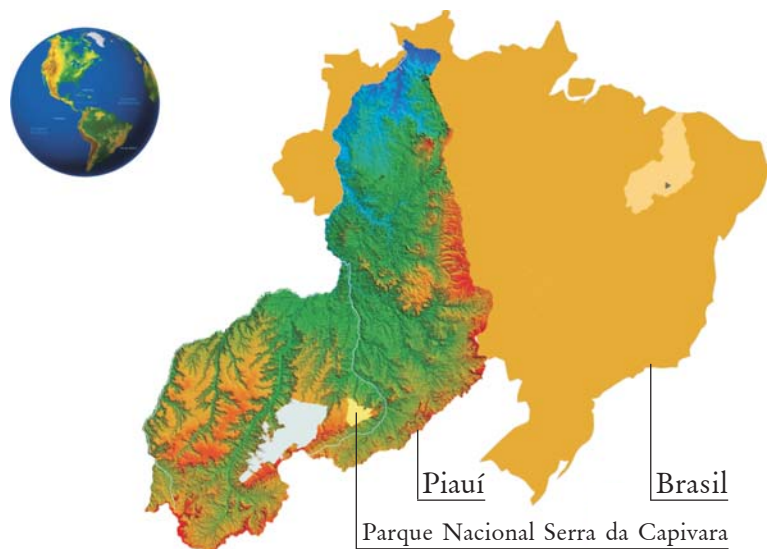
# PRÉ-HISTÓRIA DA REGIÃO DO PARQUE NACIONAL SERRA DA CAPIVARA

---

*Niéde Guidon*

No Parque Nacional Serra da Capivara e seu entorno já foram cadastrados mais de mil sítios arqueológicos e paleontológicos. Esse número está sempre sujeito a mudanças porque novas descobertas são constantes. Quarenta anos de pesquisa na região resultaram em uma vasta base de dados que permite a reconstituição da pré-história dos povos que ali chegaram, há cerca de 100.000 anos. Os planaltos eram então cobertos pela floresta amazônica e a planície pela mata atlântica, dois biomas extremamente ricos e diversificados. Isso facilitou a implantação de grupos humanos, que se desenvolveram extraordinariamente. Os grafismos rupestres – pinturas principalmente – foram datados e comprovaram que há mais de 20.000 anos, naquela área, homens já deixavam registradas nas pedras suas histórias, lendas e crenças. Escavações permitiram definir sua evolução tecnológica e cultural, bem como mudanças climáticas. As primeiras explorações foram realizadas em 1973; em 1978, a equipe de pesquisadores enviou a Brasília um relatório, solicitando proteção para o lugar. Assim foi criado o Parque Nacional Serra da Capivara.

O Parque Nacional Serra da Capivara, no sudeste do Estado do Piauí, é uma fronteira ecológica situada entre a depressão periférica do rio São Francisco e a bacia sedimentar Maranhão-Piauí. Trata-se de uma área de 130.000ha, com os relevos típicos de chapadas e vales. O clima da região hoje é semiárido. Existe uma estação de chuvas na qual se concentram as precipitações e uma estação seca que, atualmente, dura de seis a sete meses. Essas características climáticas favorecem um tipo de vegetação, a caatinga, que perde suas folhas durante o período de seca e as recupera com o início das chuvas, originando uma verdadeira metamorfose na paisagem (figuras 1 e 2).



<sup>1</sup> GUÉRIN, Claude *et al.* A fauna pleistocênica do Piauí (Nordeste do Brasil): Relações paleoecológicas e bio-cronológicas. 1996. *Fundamentos* [Anais da Conferência Internacional sobre o Povoamento das Américas. Proceedings of the International Meeting on the Peopling of the Americas. São Raimundo Nonato, Piauí, Brasil (1993)], 1:55-103. GUÉRIN, Claude & FAURE, Martine. Les Cervidae (Mammalia, Artiodactyla) du Pléistocène supérieur-Holocène ancien de la région du Parc National Serra da Capivara (Piauí, Brésil). *Geobios*, 42:169-195, 2009. GUÉRIN, Claude & FAURE, Martine. Un nouveau Toxodontidae (Mammalia, Notoungulata) du Pléistocène supérieur du Nordeste du Brésil. *Geodiversitas*, 35 (1):155-205, 2013.

Figura 1: Mapa de localização do Parque Nacional Serra da Capivara. Design Lucas Braga. Acervo FUMDHAM

Em épocas pré-históricas, as condições ambientais eram diferentes. O clima era tropical úmido, permitindo o desenvolvimento de uma vegetação abundante, perenifólia, que garantia as condições de alimentação para uma fauna majoritariamente herbívora. Durante milênios, espécies da megafauna existiram na região e coabitaram com os grupos humanos que também a povoaram. As espécies da megafauna mais representadas eram a preguiça gigante, o tigre-dente-de-sabre, o mastodonte e o tatu gigante. Junto a essa fauna gigante, existiam também espécies de pequeno porte, como lhamas, veados, caititus, capivaras, queixadas, que constituíram fontes de alimentação das populações que ali viviam<sup>1</sup> (figura 3).



Figura 2: Vista do Baixão da Pedra Furada. Parque Nacional Serra da Capivara. Acervo FUMDHAM



Figura 3: Escavação da Lagoa dos Porcos com vestígios da megafauna. São Lourenço do Piauí. Foto: Adolfo Okuyama. Acervo FUMDHAM

Na região da Serra da Capivara existem evidências da antiga presença humana que foram datadas entre 100.000 e 58.000 anos, no famoso sítio arqueológico Toca do Boqueirão da Pedra Furada.<sup>2</sup> Já na Serra das Confusões, área situada a sudeste da Serra da Capivara, mais próxima da bacia do rio São Francisco, as datações mais antigas que obtivemos alcançam 13.000 anos. As pesquisas arqueológicas na América do Sul, para esse período da pré-história, são ainda pouco numerosas, mas os resultados confirmam, de maneira reiterada, o envelhecimento das datas da presença humana.

### De onde viemos e para onde fomos

As pesquisas não permitem ainda precisar as vias de penetração do continente nesse período, mas podemos propor hipóteses que expliquem o processo do povoamento americano.

Recentemente, novas pesquisas nessa região, lideradas pelo Prof. Eric Boeda (chefe da Missão Francesa do Piauí) têm produzido resultados, fruto de escavações sistemáticas em sítios arqueológicos diversos e muita análise, principalmente de material lítico, que confirmam a hipótese de terem existido diversos grupos culturais, nos diferentes períodos de ocupação da área. A principal questão que se coloca, internacionalmente, é de onde vieram os grupos humanos mais antigos e como chegaram até a Toca do Boqueirão da Pedra Furada.<sup>3</sup>

As propostas explicativas que hoje parecem ser as mais prováveis indicam que essas primeiras populações seriam originárias da África. Como hoje está demonstrado, a espécie humana é muito mais antiga do que se pensava até alguns anos atrás, havendo datações de até 180.000 anos para o *Homo sapiens*.

O que às vezes não é levado em consideração, é que os homens partem de um local, movimentam-se por um longo ou curto período, para chegarem onde hoje encontramos os seus vestígios.

O homem já existia na África há mais de 100 mil anos, enquanto na Sibéria não havia traços dele. Por que se acredita que teriam tomado o caminho mais longo, e não o caminho mais curto? Em busca de melhores condições, o homem é capaz de se arriscar, inclusive de atravessar o mar.

Há cerca de 130.000 anos a África passou por um período de seca muito forte que originou os desertos. As pessoas saíam ao mar à procura de comida e, como as correntes e os ventos vêm da África para o Nordeste do Brasil,

<sup>2</sup> GUIDON, Niède & ARNAUD, Bernardette. The Chronology of the New World, Two Faces of One Reality. *World Archaeology*, 23(2):167-178, 1991.

GUIDON, Niède. Pedra Furada. Uma revisão. Pedra Furada. Une mise au point. Pedra Furada. A Revision. *Fundamentos* (Atas do II Simpósio Internacional "O Povoamento das Américas", 16-21 dezembro 2006), 7: 380-403, 2008.

SANTOS, Guaciara *et al.* A revised chronology of the lowest occupation layer of Pedra Furada Rock Shelter, Piauí, Brazil: the Pleistocene peopling of the Americas. *Quaternary Science Reviews*, 22:2.303-2.310, 2003.

VALLADAS, Hélène *et al.* TL age-estimates of burnt quartz pebbles from the Toca do Boqueirão da Pedra Furada (Piauí, Northeastern Brazil). *Quaternary Science Reviews*, 22:1.257-1.263, 2003.

<sup>3</sup> BOËDA, Eric *et al.* The Late-Pleistocene Industries of Piauí, Brazil: New Data. In: GRAF, Kelly E.; KETRON, Caroline V. & WATERS, Michael R. (Orgs.). *Paleoamerican Odyssey*. Chapter 26, 1. ed.: 445-465. College Station: Center for the Study of the First Americans, 2013.

pode-se propor que barcos foram trazidos até a costa do Piauí, ao norte, e de Alagoas-Sergipe a leste. No Piauí, o rio Parnaíba permitiu a penetração para o interior, e seu afluente, o rio Piauí, passava a menos de um quilômetro dos sítios arqueológicos da Serra da Capivara, onde foram encontrados os vestígios mais antigos da presença humana. Na costa leste, desemboca o rio São Francisco, o que teria permitido a entrada dos primeiros homens para o interior, chegando à Serra das Confusões e até a Minas Gerais. Mas, somente o avanço das pesquisas e análises do DNA de fósseis humanos poderão comprovar tais hipóteses.

O período mais recuado da presença dos primeiros grupos humanos na região abrange uma faixa de 100.000 a 12.000 anos. Essa extensa faixa cronológica corresponde ao período úmido na região do Parque Nacional, durante o qual as populações do Pleistoceno se instalam muito lentamente, desenvolvendo uma cultura adaptada às condições do meio ambiente.

### A cultura material pré-histórica

Os vestígios da cultura material descobertos indicam a existência de uma única primeira cultura, que atravessa os milênios inovando tecnicamente e fazendo escolhas entre os recursos naturais disponíveis. Os instrumentos, cortantes ou pontiagudos, dos tipos facas, raspadores, perfuradores, são feitos em quartzo e quartzito, com características similares aos encontrados no paleolítico da Europa, África e Austrália. As peças líticas mais antigas são pouco trabalhadas, talhadas segundo as necessidades do momento, utilizadas e logo abandonadas. Os instrumentos são feitos de maneira a serem utilizados em funções gerais, tais como cortar ou raspar, sem que exista a busca da especialização. Percebe-se, no entanto, um evidente desenvolvimento tecnológico, e existem peças, datadas a partir de 20.000 anos, com tecnologia lítica tão desenvolvida como a dos povos dos outros continentes. Os artefatos foram achados nos solos arqueológicos, junto a estruturas de fogueiras. Dessas fogueiras foram extraídos os carvões de lenha que, submetidos a análises do carbono 14, forneceram as datações dos solos arqueológicos e do que neles se encontra.

Muitos vestígios da cultura material desse período se desintegraram pela fragilidade de seu suporte. A cestaria, o trançado, tecnologias que devem ter existido, não suportaram os efeitos do tempo e da umidade. O mesmo aconteceu com as matérias-primas vegetais e os instrumentos feitos em madeira.

Os abrigos sob rocha da serra não eram utilizados como lugares de habitação. Muito deles tinham depressões rochosas onde a água da chuva se acumulava (localmente denominadas caldeirões), sendo frequentados como pontos de caça, aproveitando a vinda de animais para beber. Como lugares de moradia foram escolhidos outros espaços, independentemente do grau de nomadismo ou sedentarismo: locais mais abertos, na desembocadura de boqueirões, vales largos, alto da chapada, perto de fontes de água, de rios ou córregos, que eram abundantes nessa época úmida.

No período pleistocênico, as populações já praticavam atividades gráficas. Fragmentos de parede, com traços de pintura, foram encontrados caídos sobre solos arqueológicos datados de 27.000 anos.<sup>4</sup> Neles, as figuras desenhadas não são identificáveis, mas confirmam a prática de uma atividade que se tornaria um verdadeiro sistema de comunicação. Nas paredes dos abrigos do Parque Nacional existe uma densa quantidade de pinturas rupestres realizadas durante milênios. As representações animais são muito diversificadas, sendo possível reconhecer espécies inexistentes hoje na região e outras totalmente extintas, como camelídeos e preguiças gigantes. Existem também reproduções de capivaras, veados galheiros, caranguejos, jacarés e certas espécies de peixes, espécies hoje desaparecidas da área, extremamente árida para poder abrigá-las.<sup>5</sup>

Organizados em pequenos grupos, dotados de grande mobilidade, os primeiros habitantes eram capazes de adaptar-se aos condicionamentos do meio ambiente. A falta de tecnologia sofisticada exigiu das primeiras populações um alto grau de observação para se adaptarem às situações novas.

## O homem se adapta às mudanças ambientais

O clima tropical úmido perdurou até cerca de 10.000 anos, correspondendo ao Pleistoceno final e início do Holoceno. Então as chuvas diminuíram e um clima de transição caracterizou a região, a partir de 9.000 anos BP. A vegetação, do tipo cerrado, também diminuiu, as fontes de alimentação se tornaram escassas e a megafauna, por volta de 8.000 anos, desapareceu totalmente da região, junto com as espécies dos ecossistemas úmidos. Entretanto, as transformações da vegetação e a extinção de uma parte da fauna não afetaram a sobrevivência dos grupos humanos, que tinham como fonte de alimentação as espécies de pequeno porte, que sobreviveram.

<sup>4</sup> DELIBRIAS, Georgette & GUIDON, Niéde. Labri Toca do Boqueirão do Sítio da Pedra Furada. *L'Anthropologie*, 90(2):307-316, 1986.  
MELTZER, David J.; ADOVASIO, James M. & DILLIHAY, Tom D. On a Pleistocene human occupation at Pedra Furada, Brazil. *Antiquity*, 68(261):695-714, 1994.

<sup>5</sup> GUIDON, Niéde. *Peintures préhistoriques du Brésil. L'art rupestre du Piauí*. Paris: Editions Recherches sur les Civilisations, 1991. 109 p.  
PESSIS, Anne-Marie. *Imagens da pré-história. Parque Nacional Serra da Capivara*. São Paulo: Fundação Museu do Homem Americano/Petrobras, 2003. 304 p.  
PESSIS, Anne-Marie. Identidade e Classificação dos registros gráficos pré-históricos do nordeste do Brasil. *Clio*, 8:35-68, 1992.  
PESSIS, Anne-Marie & GUIDON, Niéde. Registros rupestres e caracterização das etnias pré-históricas. In: VIDAL, Lux (Org.). *Grafismo Indígena. Estudos de Antropologia Estética*. São Paulo: Studio Nobel, FAPESP & EDUSP, 1992. p. 19-34.

Evidentemente, o mais antigo grupo humano que chegou à região, rica em alimentos e água e com paisagens diversificadas, se instalou e se desenvolveu, formando, com o passar do tempo, diferentes tribos, cada uma ocupando uma área, criando culturas próprias e se adaptando às novas condições do meio ambiente. Um novo período cultural se manifesta, entre 12.000 BP e cerca de 3.500 anos BP. Essas populações ficaram conhecidas como povos da tradição Nordeste. Durante nove mil anos desenvolvem uma cultura material com técnicas cada vez mais aprimoradas, e com fases de adaptação que podem ser observadas na riqueza temática representada na arte rupestre.

A estrutura econômica dos grupos da tradição Nordeste permanece a mesma que domina o período pleistocênico – são povos caçadores-coletores. As fontes alimentares constituíam-se da caça de animais de pequeno porte e da coleta de frutos e folhas. A caça era assada e os restos alimentares aparecem nas estruturas de fogueiras.

### A tecnologia pré-histórica

A técnica de realização das ferramentas líticas se transforma lenta mas marcadamente. Apesar de prosseguir utilizando principalmente as matérias-primas da indústria lítica pleistocênica, o quartzo e o quartzito, aumentam o número e a diversidade das ferramentas, enquanto a manufatura dos instrumentos se torna mais especializada e adequada à sua função. Essa busca da especificidade estabelece uma das grandes diferenças com a tecnologia pleistocênica: são comuns os raspadores, facas, lascas retocadas, seixos lascados e percutores. Alguns artefatos apresentam marcas de intensa utilização, permitindo observar o desgaste diferenciado. Neste período em que a tecnologia lítica fica mais complexa e precisa, aparecem instrumentos feitos com outras matérias-primas. O sílex, de origem exógena, torna-se matéria-prima privilegiada, pelo fato de ser muito favorável ao lascamento. O material não é lascado e depois abandonado, como o quartzo no período pleistocênico; ao contrário, produzem-se instrumentos muito trabalhados que interessava conservar. Observa-se, também, a utilização da calcidônia. Junto à tecnologia cada vez mais requintada de lascamento surgem técnicas de polimento em torno a 9.200 anos BP; essa é a datação de um machado de pedra polida descoberto nas escavações arqueológicas da Toca do Sítio do Meio.<sup>6</sup>

<sup>6</sup> GUIDON, Niéde & PESSIS, Anne-Marie. Recent discoveries on the holocenic levels of Sítio do Meio rockshelter, Piauí, Brasil. *Clio – Série Arqueológica*, 9(1):77-80, 1993.

<sup>7</sup> MELTZER, David J.; ADOVASIO, James M. & DILLEHAY, Tom D. On a Pleistocene human occupation at Pedra Furada, Brazil. *Antiquity*, 68(261): 695-714, 1994.

GUIDON, Niéde *et al.* Nature and Age of the deposits in Pedra Furada, Brazil: Reply to Meltzer, Adovasio & Dillehay. *Antiquity*, 70(268): 408-421, 1996.

GUIDON, Niéde & PESSIS, Anne-Marie. Leviandade ou falsidade? Uma resposta a Meltzer, Adovasio & Dillehay. Falsehood or Untruth? A Reply to Meltzer, Adovasio & Dillehay. *Fundamentos*, 1:379-394, 1996.

GUIDON, Niéde. Recensão ao artigo de PROUS, A. O povoamento da América visto do Brasil: uma perspectiva crítica. Dossiê Surgimento do Homem na América. *Revista USP*: 8-21. *Clio – Série Arqueológica*, 12:223-227, 1997.

PROUS, André. O povoamento da América visto do Brasil: uma perspectiva crítica. *Revista USP*: 8-21, 1997. (Dossiê Surgimento do Homem na América).

<sup>8</sup> DELIBRIAS, Georgette & GUIDON, Niéde. *Op. cit.*

GUIDON, Niéde & DELIBRIAS, Georgette. Inventaire des sites Sud-Américains antérieurs à 12.000 ans. *L'Anthropologie*, 89(3):385-408, 1985.

GUIDON, Niéde & DELIBRIAS, Georgette. Carbon-14 dates point to man in the Americas 32,000 years ago. *Nature*, 321, (6072-19 June): 769-771, 1986.

PARENTI, Fabio. *Le gisement quaternaire de la Pedra Furada (Piauí, Brésil). Stratigraphie, chronologie, évolution culturelle*. 2 volume. 323 p. Paris: Editions Recherches sur les Civilisations, Ministère des Affaires Étrangères, 2001.

<sup>9</sup> ARAÚJO, Adauto & FERREIRA, Luiz Fernando. Homens e parasitos: a contribuição da paleoparasitologia para a questão da origem do homem na América. *Revista USP*, 34:59-69, 1997.

Até hoje, alguns autores ainda discutem a autenticidade das peças líticas encontrados nas camadas mais profundas e mais antigas da Toca do Boqueirão da Pedra Furada. Certos pesquisadores alegam serem geofatos, e não artefatos. Insistem em dizer que as peças não foram modificadas pelo homem, mas sim pela natureza: por exemplo, que foram quebradas quando caíram de cima do abrigo.<sup>7</sup>

Uma pesquisa arqueológica baseia-se em dados, fatos e contexto; por isso não temos dúvida da antiguidade do sítio arqueológico em questão. Foram 10 anos de escavação, no período de 1978 até 1988, que forneceram uma coluna estratigráfica composta por 47 datações de carvões (C<sub>14</sub>), sequências entre 58 mil e 6.150 anos antes do presente, e uma datação de 100 mil anos por TL (Termoluminescência) feita com seixos de uma fogueira estruturada que foram, portanto, aquecidos. Com base nesses vestígios da cultura material, foram definidas fases culturais que servem como referência para os atuais estudos dos demais sítios arqueológicos que possuem tecnologia semelhante – um legado cultural distribuído em um mesmo espaço-funcional, uma área arqueológica.<sup>8</sup> O sítio referido, e todo o seu entorno, foi e continua sendo investigado por diferentes pesquisadores de áreas e nacionalidades distintas que, através da multidisciplinaridade, estão reconstruindo a Pré-história da região e as relações entre o homem e o meio ambiente (figuras 4A e 4B).

Nos últimos anos, a Paleoparasitologia e a Antropologia Física têm contribuído muito para elucidar as questões das rotas migratórias e da cronologia da entrada do homem nas Américas. No caso do Parque Nacional Serra da Capivara, foi detectado em coprólitos humanos – descobertos nas escavações da Toca do Boqueirão da Pedra Furada e datados de cerca de 7 mil anos – o verme do amarelão (*Ancilostoma duodenalis*), que se acreditava ter vindo para o Brasil com os escravos africanos. A infecção humana por ancilostomídeos transmite-se de hospedeiro a hospedeiro, com estágios larvares evoluindo no solo, sob condições específicas de temperatura e umidade. O verme não teria mantido seu ciclo de transmissão sob temperaturas baixas, pois os ovos resistem apenas 20 dias a 0°C. A temperatura mínima necessária para as larvas varia entre 25 e 30°C. Portanto, os homens que trouxeram essa infecção para a Serra da Capivara não passaram por terras com temperaturas frias, como o estreito de Behring; muito provavelmente, a transmissão do parasita pode ter ocorrido através de uma migração pelo mar.<sup>9</sup>





Figura 4: 4A) Vista parcial da escavação do Sítio Boqueirão da Pedra Furada (anos 80); 4B) Vista atual do Sítio Boqueirão da Pedra Furada. Parque Nacional Serra da Capivara. Acervo FUMDHAM

ARAÚJO, Adauto *et al.* Parasites as probes for prehistoric human migrations? *Trends in Parasitology*, 24(3):112-115, 2008.

<sup>10</sup> NEVES, Walter & HUBBE, Mark. Paleoamerican morphology's dispersion in the New World and its implications for the settlement of the Americas. *Fumdhamentos* [Atas do II Simpósio Internacional "O Povoamento das Américas", 16-21 dezembro 2006], 7:205-224, 2008.  
BERNARDO, Danilo V. & NEVES, Walter [A.] Diversidade morfocraniana dos remanescentes ósseos humanos da Serra da Capivara: implicações para a origem do homem americano. *Fumdhamentos*, 8:95-106, 2009.

Estudos de Antropologia Física, com ênfase na morfologia craniana, associados aos dados arqueológicos, permitem propor a hipótese de que houve duas entradas nas Américas, de dois grupos distintos. Um primeiro grupo, mais antigo, com características africanas, originou os indígenas do Piauí, cujos descendentes têm pele escura, mas não negra, cabelos pretos, mas lisos, e olhos não do tipo asiático (figura 5). O outro grupo apresenta características dos povos mongolóides – traços observados até hoje em tribos indígenas do nosso continente – e é mais recente, entre 15 e 9 mil anos atrás, e mais adaptado ao frio.<sup>10</sup>

No Pleistoceno, a argila utilizada na fabricação de artefatos devia ser apenas secada ao sol; essa técnica rudimentar foi depois substituída por procedimentos de queima, dando lugar à manufatura da cerâmica. A descoberta, na Toca do Sítio do Meio, de um caco de cerâmica datado em 8.900 anos BP. situa cronologicamente essa técnica e envelhece o aparecimento da cerâmica no continente americano.



*Figura 5:* Crânio masculino, oval e alongado, semelhante ao tipo africano. Datado em 9.920 anos BP – Toca dos Coqueiros. Parque Nacional Serra da Capivara. Foto: André Pessoa. Acervo FUMDHAM

A ocupação do espaço mantém as mesmas escolhas feitas durante o período pleistocênico. Os aldeamentos de pequeno porte permanecem perto de fontes de água nos vales abertos. A utilização dos abrigos sob rocha das serras se produz de maneira contínua, com a implantação de acampamentos regularmente frequentados.

A mais importante característica cultural dos grupos étnicos da tradição Nordeste é a de terem desenvolvido um sistema de comunicação social através de um registro gráfico, de caráter narrativo. São pinturas rupestres desenhadas nas paredes dos abrigos sob rocha que se encontram nos vales do Parque Nacional. Durante milênios as paredes dos sítios foram pintadas, deixando o testemunho de aspectos da vida cotidiana e cerimonial das populações. Independentemente da significação que podiam ter tais representações

<sup>11</sup> BUCO, Cristiane. Arqueologia do Movimento: Visões Sonoras da Pré-história na Serra da Capivara, Piauí, Brasil. 2010. In: GUIDON, Niéde;

gráficas, o mais importante, do ponto de vista histórico, é a existência de um acervo documentário pré-histórico que viabiliza verdadeiras pesquisas de história visual, bem como a reconstituição da história desses povos (figura 6).<sup>11</sup>



Figura 6: Pintura rupestre do Sítio Boqueirão da Pedra Furada. Parque Nacional Serra da Capivara. Acervo FUMDHAM

BUCO, Cristiane & ABREU, Mila Simões de, *Global Rock Art – Anais do Congresso de Arte Rupestre IFRAO 2009*. *Fundamentos*, 9(4):1.347-1.357. São Raimundo Nonato: Fundação Museu do Homem Americano, 2009.  
GUIDON, Niéde. *Peintures préhistoriques du Brésil. L'art rupestre du Piauí*. *Op. cit.*  
GUIDON, Niéde & MARTIN, Gabriela. A onça e as orantes: uma revisão das classificações tradicionais dos registros rupestres do NE do Brasil. *Clio – Série Arqueológica*, 25(1):11-30, 2010.  
PESSIS, Anne-Marie. *Imagens da pré-história... Op. cit.*

Por volta de 3.500 anos atrás, aparecem na área do Parque Nacional os primeiros vestígios deixados por povos agricultores, que moravam em aldeias não muito grandes. Nelas, as habitações de forma elíptica estavam dispostas de maneira a formar uma aldeia circular, com referência a um espaço central. Utilizavam o mesmo tipo de instrumental lítico do Pleistoceno para as funções básicas, mas aprimoraram machados polidos, discos polidos perfurados, mãos de pilão e tembetás de jadeíte.<sup>12</sup> Os recursos alimentares básicos são os mesmos de seus antecessores, aos quais adicionam o milho, o feijão, a cabaça e o amendoim, plantas todas cultivadas. O mais típico dessas populações é o tratamento dado aos mortos.<sup>13</sup> Praticavam sepultamentos primários e secundários: os primários eram feitos principalmente em covas na terra, com o corpo em decúbito dorsal, lateral ou fletido, e

- <sup>12</sup> MARANCA, Silvia. Estudo do sítio Aldeia da Queimada Nova, Estado do Piauí. *Revista do Museu Paulista* (Série Arqueológica), Vol. 3, 102 p. São Paulo: Museu Paulista da USP, 1976.
- OLIVEIRA, Cláudia Alves. Os ceramistas pré-históricos do Sudeste do Piauí – Brasil: estilos e técnicas. *Fumdhamentos*, 3:57-127, 2003.
- <sup>13</sup> FAURE, Martine; GUÉRIN, Claude & LUZ, Maria de Fátima. Les parures des sépultures préhistoriques de l'abri-sous-roche d'Enoque (Parc National Serra das Confusões, Piauí, Brésil). *Anthropozoologica*, 46(1):27-45, 2011.
- GUIDON, Niéde; VERGNE, Cleonice & ASÓN VIDAL, Irma. Sítio Toca da Baixa dos Caboclos, um abrigo funerário do enclave arqueológico do Parque Nacional Serra da Capivara. *Clio – Série Arqueológica* – 13:127-144, 1998.
- GUIDON, Niéde *et al.* Nota sobre a sepultura da Toca dos Coqueiros, Parque Nacional Serra da Capivara, Brasil. *Clio – Série Arqueológica*, 13:187-197, 1998.

os secundários em urnas funerárias de cerâmica. Uma prática dominante, que se observa nos enterramentos secundários, é a disposição dos ossos de maneira ordenada numa urna, colocando-se finalmente o crânio sobre o conjunto, que era coberto por uma meia cabaça ou um vasilhame de cerâmica. Há também casos, nas urnas maiores, de enterramentos primários, nos quais o corpo era colocado em posição sentada, com o crânio separado e um pouco acima do tronco.

Esses grupos permaneceram na região até a chegada dos colonizadores, criadores de gado, que avançaram sobre as terras indígenas, provocando o deslocamento das comunidades. O Parque Nacional Serra da Capivara torna-se então uma região de refúgio para os grupos indígenas vindos de diferentes regiões do nordeste do Brasil. Os colonizadores atingem a área tardiamente, em torno de 1830. E os indígenas são exterminados.

## A atualidade

Faz 40 anos que a Pré-história da região vem sendo estudada, inicialmente pela Missão Francesa do Piauí e, posteriormente, pela equipe multidisciplinar da FUMDHAM (Fundação Museu do Homem Americano). Esta última, desde os anos 80, desenvolve o Projeto “Piauí: A interação do Homem e Meio Ambiente, da Pré-história aos dias atuais”, no âmbito do Parque Nacional Serra da Capivara.

Criada em 1979, essa unidade de conservação foi inscrita na Lista do Patrimônio Mundial a título cultural pela UNESCO em 1991 e, em 1993, o Parque foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Para conhecer a nossa Pré-história é necessária muita pesquisa; também é imprescindível muito investimento, tanto na formação de recursos humanos como na potencialização de oportunidades de trabalho para que o patrimônio não seja destruído, mas sim conhecido, valorizado e divulgado.

A FUMDHAM, uma organização da sociedade civil sem fins lucrativos, sediada em São Raimundo Nonato, é responsável pela guarda de todo o espólio arqueológico e paleontológico da região e pela cogestão do Parque Nacional Serra da Capivara, junto com o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade.

A sede da FUMDHAM encontra-se no Centro Cultural Sérgio Motta, onde foi construído o Museu do Homem Americano. Neles funcionam um centro de pesquisa com laboratórios específicos, biblioteca, sala de leitura, anfiteatro e uma exposição permanente, que apresenta o ho-

mem desde seu aspecto evolutivo até os seus diversos aspectos culturais através dos tempos. Vários projetos são desenvolvidos por uma equipe multidisciplinar, em parcerias com instituições nacionais e estrangeiras. Há também um empenho consciente para o desenvolvimento de atividades sustentáveis que beneficiem a comunidade carente do sertão, pois são esses sertanejos os herdeiros diretos do patrimônio em questão.<sup>14</sup>

O desenvolvimento turístico sempre foi uma das iniciativas econômicas e de preservação por parte da FUMDHAM e do Governo, e hoje isso é uma realidade. No parque estão preparados 172 sítios arqueológicos para visitação pública, compreendendo 12 circuitos turísticos e um conjunto com 16 sítios adaptados aos portadores de mobilidade reduzida. Existem mais de 400km de estradas e trilhas internas, com 5 entradas turísticas abertas ao público em geral<sup>15</sup> (figura 7).

<sup>14</sup> PESSIS, Anne-Marie & GUIDON, Niéde. Serra da Capivara National Park, Brazil: cultural heritage and society. *World Archaeology*, 39(3): 406-416, 2007.

<sup>15</sup> BUCO, Elizabete (Org.). *Turismo Arqueológico. Região do Parque Nacional Serra da Capivara/Archaeological Tourism. Serra da Capivara National Park Region*. São Raimundo Nonato, Piauí: Fundação Museu do Homem Americano/ Programa Petrobrás Ambiental, 2011. 205 p.



Figura 7: Vista do Sítio Entrada do Baixão do Vaca. Desfiladeiro da Capivara, Parque Nacional Serra da Capivara. Foto: Elizabete Bucu. Acervo FUMDHAM

Na área do entorno, foram construídas cinco escolas que realizaram um dia um projeto de educação integral premiado, em 1995, pela UNICEF, como uma das quinze melhores experiências na área pedagógica. Atualmente, por falta de recursos, as escolas não mais funcionam. A Fundação também já manteve um centro de artes conhecido como Pró-arte FUMDHAM, premiado pelo Instituto Ayrton Senna em Arte-Educação em 2001, escolhido como um dos finalistas do prêmio Cultura Viva em tecnologia social em 2006, prêmio Criança-Esperança e prêmio Itaú-Unicef regional e nacional em 2007.<sup>16</sup>

A maioria dos técnicos de laboratório e de campo são pessoas da comunidade formadas pela FUMDHAM, bem como alunos e profissionais formados pela UNIVASF – a primeira universidade com curso de graduação em Arqueologia e Preservação Patrimonial do Nordeste (figura 8).

<sup>16</sup> GUIDON, Niéde; BUCO, Cristiane de Andrade & IGNÁCIO, Elaine. Parque Nacional Serra da Capivara: cultura, tecnologia e desenvolvimento regional lado a lado. *Area Domeniu*, 3:93-107, 2008.



Figura 8: Técnicos trabalhando no Centro Cultural Sérgio Motta – FUMDHAM. São Raimundo Nonato. Foto: Adolfo Okuyama. Acervo FUMDHAM

Niéde Guidon é graduada em História Natural, doutora em Pré-História e mestre de conferências da École des Hautes Études en Sciences Sociales de Paris. É pesquisadora e diretora-presidente da Fundação Museu do Homem Americano e professora visitante da Universidade Federal de Pernambuco. Recebeu do governo francês, em abril de 2014, o título de *Chevalier da le Légion d'Honneur*. [fumdhm@fumdhm.org.br](mailto:fumdhm@fumdhm.org.br)

A pesquisa e a preservação patrimonial caminham lado a lado nesta região, construindo um notável desenvolvimento científico, cultural, econômico e social. Deixamos hoje os vestígios arqueológicos do futuro, na esperança de que as próximas gerações possam dar continuidade ao imenso trabalho realizado na Serra da Capivara e contribuir com mais peças do *puzzle* que é a nossa Pré-história.